

PUC

ANGELA CAVALCANTI BERNARDES

O INDIVÍDUO AO PÉ DA LETRA

(A aquisição da linguagem como um processo de identificação)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1982

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

N.Cham. 150 B522 TESE UC
Titulo O individuo ao pe da letra



Ex.2 PUCB

0053586

ANGELA CAVALCANTI BERNARDES



O INDIVÍDUO AO PÉ DA LETRA

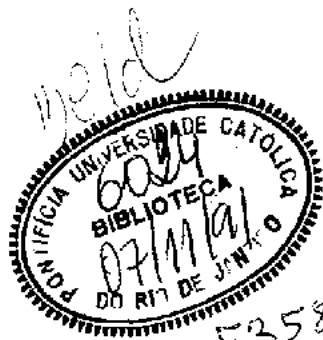
(A aquisição da linguagem como um processo de identificação)

Dissertação apresentada ao Depar
tamento de Psicologia da PUC/RJ
como requisito parcial para ob-
tenção do título de Mestre em
Psicologia

Orientadora: Circe Navarro Rivas

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

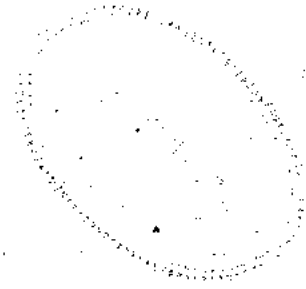
Rio de Janeiro, 30 de julho de 1982



UC 34553-5

53584

450
B 522
TESE UC



a
Nilo e Lysia
(que me ensinaram a falar)



Este trabalho, por tantas vezes interrompido, só pode ser concluído graças ao apoio daqueles que participaram de suas diferentes etapas.

Gostaríamos de prestar nossos agradecimentos a:

. Circe Navarro Rivas, orientadora da dissertação, pela paciência e confiança.

. Stella Jimenez, a quem devo a compreensão do principal conceito deste trabalho. Os erros e omissões correm por nossa conta naturalmente.

. Prof. Jürgen Heye e Profª Cláudia Lemos pelo atencioso exame crítico do projeto inicial. Colegas, amigos e parentes, em especial Maria Inês Lamy, Angela Fontes, Celina Ribeiro, Lysia, Vera e Nilo Bernardes pelo interesse e apoio indispensáveis.

. João, Francisquinho, Lula e suas mães Márcia, Danuzza e Lia pelas agradáveis sessões de gravação.

RESUMO

A questão da aquisição da linguagem aparece explícita ou implicitamente sob diferentes enfoques em psicologia e linguística. O presente trabalho contém um breve relato das principais contribuições na área. Defendendo a concepção teórica que valoriza a intersubjetividade deste processo, buscou-se na teoria freudiana da identificação uma via de explicação para o fenômeno.

ABSTRACT

The matter of language acquisition is considered, whether explicitly or implicitly, in different approaches in psychology and linguistics. This monograph presents a brief résumé of the main contributions in this area. As we defend theoretical conception that emphasizes the intrasubjectiveness of this process, we've tried through the freudian theory of identification an explanation to the phenomenon.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO -----	1
II	AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM -- UM PROCESSO INTERSUBJETIVO -----	3
	II.1 - A PESQUISA SINTÁTICA -----	4
	II.2 - A QUESTÃO COGNITIVA -----	7
	II.3 - A PERSPECTIVA INTERACIONAL -----	10
	II.4 - A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM -----	17
	II.5 - A ORDEM SIMBÓLICA -----	19
III	A TEORIA FREUDIANA DA IDENTIFICAÇÃO -----	24
IV	PORQUE "PAPA" ? -----	35
V	CONCLUSÕES -----	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	48

*EU NÃO SOU EU nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.*

Sã-Carneiro

I - INTRODUÇÃO

A relação do "eu" ao "outro" e a esse terceiro elemento, o "Outro", não se apresenta como problema apenas para o poeta português. É no interstício dessa tríade que o indivíduo emerge. Ninguém melhor do que um poeta — que luta com(-tra) as palavras para buscar a expressão do que lhe é de mais genuíno — seria capaz de intuir tão profundamente o que hoje se conceitua sobre a subjetividade e a linguagem.

É a linguagem que cria o sujeito para fazê-lo perder-se de si mesmo.

Muitas vezes imbricada nos problemas de linguística e psicologia geral, a questão da aquisição da linguagem só aparece definida como objeto de estudo a partir da década de 60, no então recém-delimitado campo da psicolinguística. A pesquisa nessa área se desenvolveu muito rapidamente e sofreu profundas modificações metodológicas.

A mais recente orientação teórica nesse campo enfatiza a característica dialógica da linguagem e busca localizar na relação inicial adulto-criança a emergência das primeiras categorias linguísticas. Apontando para a existência de esquemas comunicativos pré-verbais correlacionados às estruturas de interação adulto-criança, procura-se demonstrar que a aquisição da linguagem é um processo intersubjetivo.

Acreditamos que a questão assim colocada é a da relação com o outro e a interiorização da interlocução. A compreensão psicanalítica das relações de objeto e a conceituação do mecanismo de identificação parecem-nos o melhor caminho a seguir.

Por outro lado, a linguística nos ensina a função mediadora do símbolo.

O que se coloca como problema a partir de então é a dialética entre uma relação de especularidade (característica da relação inicial mãe-filho) e a promoção, dentro desta relação, da mediação simbólica (gênese da linguagem).

O que dessa análise deverá surgir é a constatação da impossibilidade de uma concepção puramente genética para explicar o fenômeno da aquisição da linguagem.

II - AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM - UM PROCESSO INTERSUBJETIVO

"A língua não se esgota na mensagem que engendra; ela pode sobreviver a essa mensagem e nela fazer ouvir, numa ressonância muitas vezes terrível, outra coisa para além do que é dito, super-imprimindo à voz consciente, razoável do sujeito, a voz dominadora, teimosa, implacável da estrutura, isto é, da espécie enquanto falante".

Roland Barthes

A discussão teórica sobre a aquisição da linguagem aloja a questão da relação do homem com a língua. Extrapola, nesse sentido, o âmbito da pesquisa empírica em Psicolinguística.

Herdeira do behaviorismo e da linguística empirista bloomfieldiana, a psicolinguística constituiu-se, inicialmente, como o estudo científico dos comportamentos verbais em seus aspectos psicológicos. Nessa perspectiva a linguagem é tomada como um dos "elementos" de psicologia junto com a motivação, o pensamento, a percepção etc. Não existia uma pesquisa voltada especificamente para a aquisição da linguagem, uma vez que esse processo era entendido como um aprendizado de comportamento e, portanto, explicado à luz da teoria do condicionamento. Os pesquisadores de então buscavam, basicamente, a relação entre aspectos do comportamento verbal com a memória, a percepção etc...

A psicolinguística vai ganhar um rumo bem diverso a partir dos trabalhos de N.Chomsky (final dos anos 50 e início da década de 60) que privilegiam o estudo da "competência" linguística em contraposição à pesquisa empirista do "desempenho".

Só muito recentemente (última década) é que a questão da subjetivi

dade começa a se delinear na pesquisa psicolinguística da aquisição da linguagem que passou a valorizar a inter-relação mãe-filho nesse processo.

Há mais tempo, porém, essa questão é abordada pela linguística geral francesa e pela psicanálise lacaniana, numa concepção constitutiva da linguagem: "o homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem". (24)

II.1 - A PESQUISA SINTÁTICA:

A publicação de "Syntactic Structures" de Noam Chomsky em 1957 inaugura uma nova era na linguística americana e dá início ao que passou a ser chamado de 2ª geração em psicolinguística. Em trabalhos menos técnicos (6) e (7) mais acessíveis aos não especialistas Chomsky elabora com mais detalhes as bases filosóficas de sua concepção. Questiona as bases empiristas da linguística descritiva norteamericana e postula a existência de um mecanismo inato para a aquisição da linguagem ("Language Acquisition Device" LAD). Existiriam princípios gramaticais universais e a aquisição da linguagem corrresponderia à maturação dessa capacidade inata. O autor contesta a visão behaviorista em psicolinguística de que a criança tenta imitar o enunciado dos adultos, os quais por reforçamento condiciona-la-iam a emitir corretamente enunciados linguísticos e afirma, ao contrário, que a criança deriva "estruturas profundas" da língua que não correspondem a nenhum enunciado efetivamente transmitido. O que o indivíduo adquire nesse processo é uma "competência" linguística, ou seja, a internalização das regras de sua língua-mãe. Esse procedimento não poderia ser explicado por indução e dedução de hipóteses por parte da criança por várias razões. Primeiro, porque a criança nessa época não tem o que se poderia chamar de raciocínio lógico para tal; ela não é capaz desse desempenho intelectual em outras áreas. Em segundo lugar, a pouca experiência linguística a que ela foi submetida não seria suficiente para a apreensão de um sistema altamente organizado e específico. Sua hipótese é, portanto, que existe uma restrição inata

para a forma da gramática¹. Tais princípios estruturantes começam a funcionar quando a criança é exposta à linguagem. A gramática que ela assim apreende capacita-a a emitir frases que ela nunca ouviu antes. As regras da gramática devem ser tão precisas quanto as da aritmética de tal forma que um número finito de regras e um número finito de símbolos (léxico) sejam capazes de gerar um número infinito de sentenças. Como no exemplo da expressão algébrica " $2x + 3y + z$ ". As variáveis "x", "y" e "z" podem tomar diferentes valores gerando diferentes resultados (31). É o modelo formal dessa gramática ("gramática gerativa") que seria tarefa do linguista buscar. Em outros termos, através do desenvolvimento do modelo de análise sintática intitulado "gramática transformacional" — reveladora da estrutura profunda dos enunciados — o linguista formalizaria o que, na realidade, é o conhecimento intuitivo do falante.

A teoria de Chomsky deu origem a novos campos de pesquisa. Começaram a surgir pesquisas transculturais visando o estabelecimento de universais linguísticos.

Na psicolinguística muitos autores se voltaram para o estudo da aquisição da linguagem tentando estabelecer o processo de desenvolvimento da "competência".

Mc Neill afirma que o conceito de sentença é um princípio — que pode ser parte do aparato mental inato — norteador do esforço da criança de organizar e interpretar a evidência linguística que os falantes fluentes fornecem a ela (32). As pesquisas por ele relatadas partem desse princípio e buscam a estrutura sintática das primeiras frases produzidas pela criança,

(1) "A criança não pode saber no berço qual é a língua que vai aprender. Mas deve saber que a sua gramática só pode ser de uma forma pré-determinada que exclui muitas línguas imagináveis". (7, pg. 36)

por um lado, e a capacidade de compreensão das formas gramaticais do adulto, por outro.

No primeiro grupo de estudos encontramos a análise do discurso "telegráfico" da criança. O período de emissões de dois vocábulos (18-28 meses) é valorizado, nessa linha de pesquisa, na medida em que oferece a possibilidade de exame da primeira relação entre palavras (sintaxe). A distinção entre duas classes de palavras — "pivot" e "open" — é uma das maneiras de descrever o estágio sintático inicial. A classe "pivot" contém um pequeno número de palavras usadas frequentemente. A outra classe contém muito mais palavras, cada uma usada menos frequentemente. Palavras da classe "pivot" geralmente aparecem em combinação com palavras da classe "open" (P+O e O+P) e nunca sozinhas (P) ou em combinação entre si (P+P). Palavras da classe "open" podem aparecer sozinhas ou em combinação entre si (O e O+O) (32, pg. 25). Uma outra maneira de descrever os estágios iniciais da aquisição sintática é escrever na forma da gramática gerativa as regras que as crianças obedecem para construir frases. Estudos desse tipo fornecem o modelo da competência linguística nos diferentes estágios de desenvolvimento.

Uma vez que a competência se define não só pela capacidade de produzir frases gramaticais mas pela capacidade de compreensão também, vários estudos sobre a compreensão da forma gramatical foram desenvolvidos com o mesmo objetivo de analisar a emergência da competência linguística. O estudo da imitação, por exemplo, pode fornecer ao pesquisador dados sobre as regras gramaticais que fazem ou não parte da competência da criança numa determinada fase. Vejamos, a título de ilustração, alguns exemplos de Slobin e Welsh citados por Mc Neill:

adulto: "Here is a brown brush and here is a comb"
criança: "*Here's a brown brush an'a comb*"

- adulto: "John who cried came to my party"
 criança: "*John cried and came to my party*"
 adulto: "The batman got burned and the big shoe is there"
 criança: "*Big shoe is here and big shoe is here*"
 adulto: "The boy the book hit was crying"
 criança: "*Boy the book was crying*"

"As primeiras duas imitações indicam uma habilidade para compreender mas não para produzir certas formas gramaticais, enquanto que as últimas duas indicam uma falha na compreensão". (32 , pg.14).

II.2 - A QUESTÃO COGNITIVA

O interesse pelas bases cognitivas do desenvolvimento sintático-semântico surgiu na psicolinguística dos anos 70 como uma alternativa à visão sintaticista da abordagem especificamente linguística que caracterizava a pesquisa da linguagem infantil (2). Vários estudos foram feitos com o objetivo de estabelecer os requisitos prévios de desenvolvimento cognitivo, numa perspectiva piagetiana, para o desenvolvimento da linguagem¹. Bates et alli (1975)², por exemplo, concluíram que o pré-requisito para a comunicação pré-verbal intencional é o estágio 5 da fase sensório-motora tal como caracterizada por Piaget.

A relação entre pensamento e linguagem, no entanto, se coloca como uma questão para a psicologia antes mesmo da criação da psicolinguística como disciplina autônoma.

Vygotsky (1896-1934) através da questão da significação de palavras busca estabelecer a relação entre pensamento e linguagem. "A significação de uma palavra representa um amálgama tão íntimo entre pensamento e fala

(1) cf. também Oléron (33).

(2) citado por Bates et al. (2)

que fica difícil dizer se é um fenômeno da fala ou do pensamento" (39,pg.120). Uma palavra sem significação é um som vazio; significação é, portanto, um atributo da fala. Por outro lado, do ponto de vista psicológico, a significação de qualquer palavra é uma generalização ou conceito, e portanto uma atividade do pensamento.

As significações das palavras não são formações estáticas e mudam à medida que a criança cresce. Mudam inclusive à medida que o pensamento funciona. A relação entre pensamento e linguagem é, segundo Vygotsky, uma relação dialética. "(...) Não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de um para o outro" (39,pg.125).

O pensamento não é apenas expresso em palavras mas ganha sua existência através delas. Vygotsky distingue uma função interna da linguagem — de guiar e orientar o pensamento — de uma função externa — de comunicação — descrevendo a linguagem interior — falar consigo mesmo — como a manifestação dessa primeira função. Através dessa concepção, o psicólogo soviético critica o conceito de linguagem egocêntrica de Piaget.

Em "Le langage et la pensée chez l'enfant" Piaget classifica a linguagem infantil em dois grupos: egocêntrica e socializada.

"Na pronúncia das frases do primeiro grupo, (...) a criança não se ocupa de saber a quem ela fala nem se é escutada. Esta linguagem é egocêntrica não só porque a criança só fala de si, mas sobretudo porque ela não procura se colocar no ponto de vista do interlocutor" (35 ,pg.18).

A linguagem egocêntrica é dividida em três categorias. 1.^a) A repetição - a criança repete as palavras pelo prazer de falar. É um resto do balbúcio do bebê. 2.^a) O monólogo - a criança fala para si, como se pensasse alto. Não se dirige a ninguém. As palavras não têm função social, servem a acompanhar, reforçar a ação. 3.^a) O monólogo coletivo - a criança mo-

nologa diante dos outros pelo prazer de falar e de obter ou acreditar obter interesse deles pela sua ação, mas não se dirige, de fato, a eles. "Il ne s'adresse à personne. Il parle tout haut pour soi, devant les autres". (35, pg.24). O ponto de vista do interlocutor não aparece nunca.

Na linguagem socializada sim, a criança troca realmente seu pensamento com os outros.

No registro tomado por Piaget da fala espontânea de duas crianças de seis anos, 43% da fala de Pie e 47% da fala de Lev correspondiam à linguagem egocêntrica.

A partir dos 7 ou 8 anos a linguagem egocêntrica desaparece dando lugar a fala socializada.

O ponto de vista de Vygotsky é que essa "fala egocêntrica" da criança corresponde à função interior da linguagem. A linguagem egocêntrica é, para este autor, uma transição entre a fala vocal (exteriorizada) e a interna, tendo inclusive as mesmas características dessa última de omissão de termos, aglutinação semântica etc. "A decrescente vocalização da fala egocêntrica denota uma crescente abstração do som, a nova faculdade da criança de "pensar palavras" ao invés de pronunciá-las" (39,pg.135). "A principal função da fala, tanto para a criança quanto para o adulto é comunicação, contato social" (39,pg.19). Aos poucos é que as funções externa e interna vão se diferenciando. Este autor prefere o termo "comunicativo" para o que Piaget chama "socializado" uma vez que as duas falas são socializadas apesar de terem funções diferentes.

O erro de Piaget em supor que a primeira forma de linguagem não leva em consideração o outro é criticado por Lacan de uma forma irônica que passaremos a transcrever.

"O erro piagetico - para as pessoas que pudessem acreditar que se

trata de um neologismo, sublinho que se trata do Senhor Piaget - é um erro que vige na noção do que chamam o discurso egocêntrico da criança, definido como a fase em que faltaria o que essa psicologia alpina chama reciprocidade. A reciprocidade está muito longe do horizonte do que nos deve necessitar aí nesse momento, e a noção de discurso egocêntrico é um contra-senso. A criança, nesse famoso discurso que podemos registrar num gravador, não fala para si, como dizem. Sem dúvida, ela não se dirige a outro, se utilizarmos aqui a repartição teórica que nos deduz da função do eu e do tu. Mas é preciso que haja outros lá, os pequenos, todos juntos a se livrarem por exemplo, dos joguinhos de operações como lhes dão em certos métodos ditos de educação ativa, é aí que eles falam - eles não se dirigem a tal ou qual pessoa, eles falam, se vocês me permitem o termo, para lá, canto da coxia.

Esse discurso egocêntrico é para bom entendedor ...". (27, pg.197).

II.3 - A PERSPECTIVA INTERACIONAL

Uma nova linha de pesquisa se define em psicolinguística quando se privilegia a interação social como a base da linguagem. A análise da comunicação pré-verbal e de sua transição para o período propriamente linguístico ganha destaque a partir de meados da década de 70 e revela a importância da relação de troca entre a criança e seu interlocutor básico (geralmente mãe).

A análise dos "performativos"¹ ou "atos da fala" caracteriza a perspectiva funcional da nova metodologia de pesquisa nessa área, e representa uma alternativa à visão sintaticista que privilegia a sentença como unidade

(1) Do inglês "performative" relativo a "performance". No português corresponderia a "desempenhativo". Preferimos manter a tradução literal uma vez que o termo de origem já se tornou um anglicismo consagrado na linguagem técnica.

de análise. O termo performativo, oriundo da filosofia da linguagem de J.L. Austin, mestre da filosofia analítica de Oxford, refere-se ao ato que o falante efetua com sua sentença: declarar, ordenar, prometer, perguntar etc.

Nessa perspectiva, Bruner¹ dá mais ênfase ao uso da linguagem do que a sua forma. Sugere que tanto a estrutura semântica quanto as funções pragmáticas da linguagem derivam da estrutura de interação social. As estruturas básicas da linguagem são desenvolvidas através de trocas sociais ritualizadas, jogos e rotinas do cotidiano da relação adulto-criança. Desde os primeiros meses de vida mãe e filho fixam conjuntamente regras comunicativas. A emergência das primeiras estruturas linguísticas é produto do processo de constituição dos esquemas comunicativos.

Bates et al (2) buscam estabelecer quando que as intenções performativas aparecem inicialmente na comunicação gestual pré-verbal e seguir o desenvolvimento desses performativos pré-verbais até o aparecimento da fala. Revelam, desta forma, a existência de um proto-diálogo, no período pré-linguístico, cujas regras comunicativas são construídas em conjunto pela criança e pela mãe. Na análise da construção desse proto-diálogo uma série de comportamentos da mãe e da criança são levados em consideração: comportamento linguístico da mãe, comportamentos motores da criança e da mãe (contato de olhos, direção de olhar, sorriso, movimento de braços e pernas — geralmente da criança — movimento de cabeça — geralmente da mãe —) e as vocalizações da criança, cujo componente que primeiro se delineia como especificamente linguístico é a intonação.

Lewis e Freedle oferecem em seu artigo "Prelinguistics Conversations" uma boa ilustração do que entendem por matriz de comunicação social ge-

(1) citado por (2) e (21).

ral: "F está sentada na sua cadeira segurando um bonequinho de borracha que está amarrado do lado da cadeira. A mãe está de costas para F separando a louça. F aperta o bonequinho fazendo barulho. Como "consequência" F sacode os pés e grita com aparente gosto. A mãe se vira para F sorrindo. F olha para a mãe e vocaliza. A mãe se dirige para F sorrindo e vocalizando. F fica quieta, de olhos fixos na mãe. A mãe toca a face de F. F vocaliza e move suas mãos na direção da mãe. A mãe senta em frente a F e vocaliza para ela (falando sobre o boneco que agora está nas mãos dela). F assiste a mãe e escuta. A mãe faz uma pausa, F vocaliza. A mãe toca em F e vocaliza para ela. F vocaliza" (30, pg.158). Observe-se como essa passagem ilustra a alternância de turnos que caracteriza a interlocução.

Discorrendo sobre a construção de esquemas de interação, a linguista Cláudia Lemos¹ refere-se a uma experiência mais prematura na "construção do interlocutor". No início da vida, ainda no período de amamentação, já se pode observar um "pseudo-diálogo" entre mãe e filho através da alternância dos ciclos atividade-pausa. A criança ativa (mamando)/mãe em pausa; a criança para/a mãe toma o "turno" (embalando, falando...).

Ainda neste seminário e em trabalhos publicados², Lemos expõe uma sistemática processual para a emergência do enunciado. Segundo esta concepção, processos ou esquemas interacionais são constitutivos, pelo menos em parte, das regras envolvidas na construção dos enunciados. Tais processos são

(1) Comunicação oral. Seminário sobre "A linguagem e sua aquisição" ministrado por professores da UNICAMP na sede do Instituto de Medicina Psicológica, Rio de Janeiro, set.1980. Promoção APPIA, GRADIVA e IMP.

(2) citado por (21).

papéis representados pela criança e pelo adulto na situação de comunicação. Os processos interacionais de especularidade, complementaridade e reversibilidade ou reciprocidade, se manifestam nessa ordem mas a aquisição de um processo não implica no abandono do outro. "Sua aquisição gradativa tem caráter cumulativo e não substitutivo" (21, pg. 34).

Camaioni et al¹ definem os processos de especularidade, complementaridade e reversibilidade da seguinte maneira: "A interação especular caracteriza-se pela identidade de papéis que os participantes do diálogo assumem. Por exemplo: "mãe enuncia x - criança enuncia x". A interação complementar caracteriza-se pela alternância complementar de papéis que os participantes do diálogo assumem. Por exemplo: "mãe pergunta x - criança responde y". A interação recíproca ou reversiva caracteriza-se pela complementaridade de papéis, mais uma posterior reversão de turnos, sendo que cada um assume um papel complementar com relação a turno precedente. Exemplo: "mãe pergunta x - criança responde y - mãe responde z sobre y" (21, pg.37).

Lemos mostra como a construção horizontal, elaborada a partir das construções verticais, estas últimas produto da sistemática processual acima descrita, é, em última instância, a incorporação da interlocução. Vejamos os exemplos citados em sua aula:

Exemplo 1:

(Acabou a mamadeira)

Cr: bô

M: bô ?

Cr: bô

M: O que é bô ?

Cr: tatã

A sintaxe vertical sai da especularidade.

(1) ídem.

Exemplo 2:

(A xícara quebrou)

Cr: bō

M: bō ? Quebrou a xícara?

Cr: bō

M: Quem quebrou ?

Cr: Bubu

Cr (dirigindo-se a outra pessoa): Bubu obō tita.

A interlocução se torna um enunciado.

Várias pesquisas (9) e (21) apontam que ainda no período pré-linguístico a criança é capaz de produzir marcas prosódicas (intonação, ritmo etc.) interacionalmente significativas. Gebara (21), estudando o desenvolvimento do aspecto¹, observa que as várias categorias aspectuais estão relacionadas com manifestações intonacionais específicas e que em alguns sujeitos as primeiras marcas aspectuais aparecem no componente prosódico antes de aparecerem no componente segmental (léxico). Analisa os dados de um sujeito (Raquel) que apresenta essas características tentando estabelecer a relação entre o componente segmental e supra-segmental (prosódia) na emergência de

(1) "Aspecto é uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo (ou pelo nome de ação), isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento (aspecto incoativo, progressivo, resultativo etc) enquanto os tempos, os modais e os auxiliares de tempo exprimem os caracteres próprios do processo indicado pelo verbo, independente dessa representação do processo pelo falante". (11,pg.73).

uma categoria aspectual específica: a completividade¹. A característica prosódica de completividade observada é tom descendente, última sílaba longa, âmbito de altura alto-baixo, "loudness" forte. A matriz intonacional que Raquel usa tem sua origem em jogos ritualizados dos quais participam sua mãe e ela. "Tais jogos são instaurados pela mãe que marca necessariamente a fase completiva dos eventos com uma intonação deste tipo, posteriormente incorporada pela criança" (21, pg.14). Essa intonação, acrescenta a autora, é característica do "baby-talk"² na nossa língua. O "jogo de esconder" ilustra bem essa marcação e é um típico jogo ritualizado que o adulto instaura no período em que a criança tem mais ou menos 6 meses: quando o rosto escondido atrás de um obstáculo volta a aparecer o adulto diz "achôôô !" Os dados colhidos pela autora mostram "a preocupação da mãe de marcar a fase final dos eventos ou chamar a atenção da criança para seu complemento" (21, pg.17).

Através da análise do desenvolvimento da marca de completividade, a investigadora nos revela, entre outras coisas, que nas diferentes fases desse processo, o diálogo sai de um nível de especularidade nos dois componentes — segmental e supra-segmental — (p.ex.: M: abriu! viu? Cr: /abu:/) para um nível de especularidade segmental e complementaridade supra-segmental introduzida inicialmente pela mãe (como ocorre no ex.1 de Lemos: Cr: bô M: bô?)

"À medida que marcas segmentais começam a ampliar o sistema aspectual de Raquel a matriz intonacional típica deixa de ser o único recurso para marcar a completividade" (21, pg. 25).

(1) completude da ação.

(2) o termo se refere a maneira dos adultos falarem quando se dirigem a crianças pequenas.

Exemplo:

(R. levanta-se e caminha em direção à porta)

M: Onde é que você vai agora ?

R: na'lae'ta

M: Na Lela ? Cadê a Lela ?

R: ta (sinal negativo com a cabeça)

M: Não tã, mesmo

R: 'l'ae'la (intonação de pergunta do tipo "cadê Lela?")

M: Lela saiu com papai

R: 'saypāpay

M: E. saiu com papai

R: e'l.'say

M: E ... saiu

R: (sussurro) say (pensativa).

"O caráter primitivo da intonação com relação à existência desses processos ao nível linguístico explica, talvez, o fato de uma pergunta de confirmação do tipo "abô?" (que reflete um processo de especularidade no nível segmental e complementaridade no nível intonacional) aparecer antes de uma pergunta do tipo "cadê?" (que implica no domínio do processo de complementaridade segmental e supra-segmental e/ou reversibilidade de turnos e papéis)" (21, pg. 34).

A exposição proporcionalmente extensa dessa pesquisa na resenha histórica que aqui empreendemos se justifica pela ilustração que ela representa do tipo de raciocínio de que essa linha de pesquisa lança mão e da ordem de conclusões a que ela conduz.

O processo de aquisição da linguagem a partir dos dados aqui apresentados pode e deve ser entendido como um processo de representação do outro. Mais do que o aprendizado de um código, a aquisição da linguagem refl

te¹ o estabelecimento de uma relação que não está dada de antemão mas que é construída e que se transforma num processo dialético.

II.4 - A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM

Antes mesmo de aparecer na filosofia da linguagem o conceito de "performativo" acima descrito, Émile Benveniste, em um artigo publicado originalmente em 1958 (3, pp.284-93), já fazia ver a diferença, por exemplo, entre "eu juro", que é um ato, e "ele jura", que é uma informação. Mostra como um verbo sendo assumido por um "sujeito" ou colocado fora da "pessoa" toma um valor diferente. Isso porque a instância do discurso apresenta o ato no momento em que fundamenta o sujeito.

Nesse artigo, Benveniste contesta a visão simplista da linguagem como instrumento de comunicação. Em primeiro lugar porque existem outros meios de comunicação não-linguísticos e, principalmente, porque falar em instrumento implica em imaginar que originalmente o homem "fabricou" a linguagem. Esta analogia com um instrumento dissocia o homem da linguagem, quando, na realidade é a propriedade da linguagem que define o homem e o diferencia dos outros animais. Benveniste acentua antes a função constitutiva da linguagem que sua função comunicativa: "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito" (3, pg.286).

Com relação ao emprego do pronome "eu", o autor nos revela que mais do que uma maneira abreviada de falar da gente mesmo, é um aprendizado e um exercício de reciprocidade. Diz ele: "a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade — que eu me

(1) ou instaura mesmo ?

torne um tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu" (3,pg286).

Um pronome se distingue das outras designações que a língua articula, uma vez que não remete nem a um conceito nem a um indivíduo. É um termo que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso, na qual "eu" designa o locutor. Nem só os pronomes pessoais revelam a subjetividade na linguagem. O autor se refere a todos os indicadores da "dêixis". Os elementos dêiticos¹ tomam o sujeito como ponto de referência. De tal forma que, por exemplo, "amanhã" se define em relação ao "agora" do enunciado, isto é, ao tempo em que se fala. Se define em relação à instância do discurso no qual é produzido, isto é, "na dependência do eu que aí se enuncia" (3,pg.288). A subjetividade emerge no discurso, pois cada locutor se apropria desses elementos que a princípio são "formas vazias" referenciando-os na sua "pessoa" que ao mesmo tempo se define. "A instância do discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito" (3, pg.289). "Eu" é aquele que fala "eu". É a linguagem que cria a categoria da pessoa.

Mesmo a forma "não subjetiva" da terceira pessoa só existe por oposição à pessoa "eu" do locutor que a enunciando, a situa assim como "não-eu".

Vemos então que a comunicação é apenas uma consequência da condição fundamental da linguagem: a polaridade das pessoas. A comunicação linguística só é possível sob a condição de intersubjetividade que o homem assume quando fala.

(1) "Dêitico é todo elemento linguístico que num enunciado faz referência: 1) a situação em que esse enunciado é produzido; 2) ao momento do enunciado (tempo e aspecto do verbo); 3) ao falante (modalização). Assim, os demonstrativos, os advérbios de lugar e tempo, os pronomes pessoais, os artigos ... são dêiticos, constituem os aspectos indiciais da linguagem". (11, pg.167).

II.5 - A ORDEM SIMBÓLICA

Nessa perspectiva filosófica da linguagem, Jacques Lacan (1901-81) retoma de Freud a questão da interferência do discurso inconsciente na linguagem consciente e restitui à teoria e técnica psicanalítica o seu lugar no campo da fala. "Seu domínio é o do discurso concreto enquanto campo da realidade transindividual do sujeito" (24, pg. 122). Quando o sujeito se engaja na análise ele aceita uma posição constituinte nela mesma: a da interlocução. O locutor aí se constitui como intersubjetividade, sua alocução comporta um interlocutor mesmo se fala "com uma personagem que não está em cena". O objetivo da análise seria restabelecer a continuidade intersubjetiva do discurso onde se constitui a história do sujeito.(24)

A função constitutiva da linguagem é teorizada por Lacan como por nenhum outro autor. A complexidade de sua teoria, que lança mão da linguística, da lógica, da antropologia e da etologia numa versão completamente original da descoberta freudiana, nos impede de ousar, no âmbito desta monografia, uma resenha do autor. Alguns conceitos, entretanto, sendo básicos para a linha de argumentação que ora empreendemos, ainda que sob o risco de uma simplificação falaciosa, carecem de uma explicitação por nossa parte.

Uma das noções básicas exposta no "Curso de linguística geral" de Saussure, provavelmente aquela que mais se fez presente na filosofia científica de Lacan, é a de valor linguístico. O valor de um signo não é dado positivamente por seu conteúdo, mas negativamente pela sua relação com todos os outros signos da língua. Um signo é aquilo que todos os outros não são (37). A língua, segundo Saussure, é uma forma e não uma substância. As relações e as diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em dois eixos — sintagma

e paradigma - cada um gerando certa ordem de valores¹.

A teoria linguística saussuriana constitui um dos pilares do estruturalismo francês que tem seu expoente máximo na antropologia estrutural de Lévi-Strauss, cujo trabalho sobre estruturas elementares de parentesco foi retomado por Lacan na sua compreensão da teoria freudiana do Édipo.

A estrutura das relações de parentesco é subjacente à organização dos grupos naturais em sociedade, o que equivale a dizer que a Lei da interdição do incesto superpõe o reino da Cultura ao reino animal entregue à "lei" da cópula.

"A aliança preside uma ordem de preferências, cuja Lei, implicando os nomes de parentesco, é para o grupo como a linguagem: imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura" (24, pg. 141).

A estrutura inconsciente das relações de parentesco, impedindo o acasalamento incestuoso, distingue as gerações e designa para cada um seu lugar em relação aos outros. A Lei primordial regulando as leis de aliança"... faz-se suficientemente conhecer como idêntica à ordem da linguagem. Pois nenhum poder ser as denominações de parentesco seria capaz de instituir a ordem das preferências e dos tabus que amarram e trançam através das gerações o fio das linhagens. É bem a confusão das gerações que na Bíblia (...) é maldita como a abominação do verbo e a desolação do pecador" (24, pg. 142).

O homem se insere, a partir da instauração da Lei, num sistema simbólico que o regula sem que ele o saiba. Lacan não concebe a ordem do símbolo como constituída pelo homem mas como a ordem que o constitui.

(1) O funcionamento da língua em agrupamentos sintagmáticos e paradigmáticos corresponde, segundo Lacan, às leis do processo primário descritas por Freud. "O inconsciente, diz Lacan, é estruturado como uma linguagem".

A função de interdição corresponde à "função paterna". O Pai instaura a Lei e a Lei é a ordem da linguagem que insere o sujeito no circuito da troca (8). "É no "nome do pai" que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que, desde os tempos históricos identifica sua pessoa à figura da lei" (24, pg. 143).

A função do símbolo é de mediação. "A ordem simbólica instaura relações mediatas entre os seres, isto é, a relação de homem a homem, do si ao outro é mediatizada por um símbolo. A existência do mediador é o que vai permitir a cada um referenciar-se numa subjetividade distinta" (29, pg. 46).

Esse efeito de "humanização", por assim dizer, é um efeito positivo do simbólico. O acesso a essa ordem dá ao homem sua condição de indivíduo. Mas a exterioridade do símbolo em relação ao homem, ao mesmo tempo que o referencia em relação aos outros, opera no próprio indivíduo um distanciamento de si mesmo.

A linguagem instaura a falta porque existe uma falta a ela intrínseca. A passagem de Cassirer (1924) a seguir, descreve bem a falta da linguagem:

"... nenhum processo desta ordem chega a captar a própria realidade, tendo que para representá-la, poder retê-la de algum modo, recorrer ao signo, ao símbolo. E todo signo esconde em si o estigma da mediação, que o obriga a encobrir o que pretende manifestar. Assim, os sons da linguagem se esforçam para "expressar" o acontecer subjetivo e objetivo, o mundo "interno" e "externo"; mas o que retêm não são a vida e a plenitude individual da própria existência, mas apenas uma abreviatura morta. Toda essa "denotação" que se pretende dar às palavras faladas, não vai além de simples "alusão", alusão que deve parecer mesquinha e vazia diante da concreta multiplicidade da percepção real.

É isto é válido tanto para o mundo externo quanto para o mundo do

eu: "Quando fala a alma, ah, então já não fala a alma" (Schiller)"(5).

Constituído no campo do Outro (lugar da linguagem), o sujeito aí sô existe como representação de si mesmo. "O significante produzindo-se no lugar do Outro (o simbólico), faz surgir aí o sujeito, mas também ao preço de o fixar" (26, pg. 325). "... Ele sô funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito" (27, pg. 197). Assim se explica a divisão (spaltung) originária do sujeito. "O drama do sujeito no verbo ê que ele faz a prova de sua falta para ser"¹. O sujeito se mascara nos enunciados que ele emite sobre si e sobre o mundo.

A exterioridade do sujeito com relação a si mesmo constitui a própria noção de inconsciente e se manifesta na disjunção entre o sujeito da enunciação ("Je") e o sujeito do enunciado ("moi"). A "spaltung" corresponde ã alienação do sujeito no seu próprio discurso. "Identifico-me na linguagem, mas somente ao aí perder-me como um objeto". (24, pg.164).

O próprio desejo do homem se constitui sob o signo da mediação. O homem, pela condição de extrema dependência do bebê em relação a sua mãe, pre cisa do apelo ao outro para obter a satisfação de sua necessidade. A demanda não coincide com a necessidade, ê uma representação desta. "Quando a necessi dade se formula em demanda, pedido de alguma coisa, de um objeto destinado a satisfazer a necessidade, esta se submete ã ordem da linguagem" (4, pg. 167). Já nos referimos ãs consequências desta submissão.

O sujeito entra na ordem humana pela mediação da demanda. Esta es tã fundada numa relação com a mãe, primeiro representante do Outro, melhor di to, "grãvidado Outro"² (tesouro dos significantes), que cria as condições in-

(1) Lacan, citado por (29, pg.117).

(2) Lacan, (25 pg. 268).

dispensáveis para a colocação da necessidade em forma significativa.

Entre a necessidade e a demanda existe um corte que causa o desejo (4). O desejo não é nem a necessidade nem a demanda, "mas a diferença que resulta da subtração da primeira à segunda, o fenômeno mesmo de sua clivagem (spaltung)" (25, pg. 268).

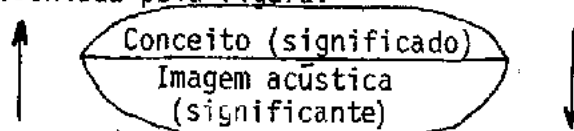
Citamos de Cassirer que o signo é uma abreviatura morta. O resíduo do objeto da necessidade eludido pelo significante, aquilo que não pode se articular na demanda, constitui o que Lacan define por "objeto perdido", causa do desejo. O desejo aponta no homem o que nele há de essencial — a ausência (8)³.

Convém assinalar que a articulação da necessidade em demanda não implica necessariamente em apelo verbal. A origem da linguagem não está fundada na emissão da primeira palavra. O significante, para Lacan, não está "colado" a um significado, da maneira como Saussure define o signo linguístico². O significante se define, segundo Lacan, por suas oposições a outros³. A origem da linguagem está na primeira experiência de oposição⁴. A demanda é, antes de mais nada, "demanda de uma presença ou de uma ausência" (25,pg.268).

É a entrada na Ordem Simbólica, como experiência fundamental de diferença, que marca a origem do homem como sujeito.

(1) Fundado na falta para ser, o desejo tem por objeto ser o que falta no outro, a causa do desejo do outro. O objeto do desejo é um desejo, o desejo do outro.

(2) "O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces que pode ser representada pela figura:



Estes dois elementos estão intimamente unidos (...)" (37,pg.80).

(3) cf. noção saussuriana de "valor" anteriormente exposta.

(4) cf. interpretação do "jogo do carrete" exposta na parte IV deste trabalho.

III - TEORIA FREUDIANA DA IDENTIFICAÇÃO

O conceito de identificação, como de resto quase todos os conceitos freudianos, não se encontra sistematizado na obra de Freud. Talvez o único texto dedicado à exposição mais detalhada deste conceito seja o Cap. VII de "Psicologia das massas e análise do ego" (19). Por outro lado, noções fundamentais para a compreensão do verdadeiro sentido dessa questão se encontram dispersas na obra. Tentaremos sintetizar essas noções e explicitar suas contradições visando uma sistematização do conceito.

Laplanche e Pontalis (28) procuram definir os limites semânticos do emprego do termo no vocabulário psicanalítico e na linguagem comum distinguindo dois sentidos para o substantivo "identificação". Num sentido transitivo o termo corresponde ao verbo "identificar" (reconhecer como idêntico), e num sentido reflexo corresponde ao verbo "identificar-se" (ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico a outro). Apesar de aparecerem as duas acepções em Freud, é basicamente para o sentido reflexo que a psicanálise remete o termo.

É do ponto de vista da identificação histórica que a questão aparece inicialmente — 1900 — na psicanálise. A partir da interpretação do sonho de uma paciente, que ficou consagrado como o "sonho da formosa açougueira" (12 ;pg.436), Freud assinala como um sonho que aparentemente é a frustração de um desejo — de oferecer um jantar — constitui, de fato, a realização de um desejo — de frustrar o desejo da amiga de engordar — e por identificar sua amiga a si, no sonho, representa a realização do "desejo de ter um desejo insatisfeito" (característico da histeria). "A identificação é um fator importantíssimo do mecanismo dos sintomas históricos, e constitui o meio pelo qual os enfermos conseguem expressar em seus sintomas os estados de toda uma ampla série de pessoas e não unicamente os seus próprios" (12 ,pg.438).

A questão da "imitação" histórica é analisada, já nessa ocasião, como um fenômeno de identificação que expressa uma equivalência inconsciente, como se a paciente pensasse "se tais causas provocam ataques como esses, também eu posso tê-los pois tenho iguais motivos" (12, pg.439). A identificação pode existir sempre que o paciente descubra em si um traço comum com outra pessoa ainda que esta não seja objeto de amor (19). No relato do "caso Dora"(13) o autor descreve um outro processo que pode resultar num sintoma por identificação. A escolha do sintoma asmático em Dora se explica pela identificação com o pai (tuberculoso). O sintoma é uma substituição regressiva, por identificação, de uma escolha de objeto.

O primeiro dos dois processos descritos para a identificação histórica é, segundo Freud, o que explica o enlace recíproco dos indivíduos numa massa, baseado numa ampla comunidade afetiva (19, pg.2587):

Com o decorrer do tempo, porém, outras modalidades de identificação começam a ser objeto de análise na obra de Freud. A importância metapsicológica desse processo se deve à função constitutiva do sujeito a ele atribuída. O conceito de identificação passa a ocupar um lugar fundamental na teoria psicanalítica, na medida em que o indivíduo é constituído pelas identificações como produto do complexo de Édipo. Como assinalam Donnet e Pinel (10) o que vai aparecer como central no problema da identificação não é ela mesma, mas sua relação — ou seu hiato — com o investimento libidinal. Freud descreve inicialmente a identificação como substituto de um investimento. Porém, como tentaremos descrever, a identificação edipiana, estruturadora do psiquismo humano, é a síntese de uma dialética na qual um investimento libidinal (que vai dar lugar a uma identificação) é a antítese de uma identificação primária.

Em "Psicologia das massas ...", Freud afirma que a identificação é "a primeira manifestação de um enlace afetivo a outra pessoa" (19, pg.2585);

a criança manifesta um especial interesse por seu pai, querendo ser como ele e substituí-lo. "Essa identificação com o pai é direta e imediata e anterior a qualquer investimento de objeto"¹ (20). Freud formula desta maneira aqui lo que ficará conhecido como o modelo da identificação primária. Esta noção tem sido, no entanto, interpretada de diferentes maneiras pelos herdeiros da doutrina freudiana². Acreditamos que o esclarecimento deste conceito é de importância capital para a compreensão das relações pré-edípicas.

O modo mais primitivo de constituição do indivíduo é segundo o modelo do pai. Essa identificação pode ser descrita conforme o fenômeno da incorporação oral tal como Freud a analisa em "Totem e Tabu".

Em seu livro dedicado ao estudo das normas e costumes que envolvem as tribos regidas pelo sistema totêmico (15) Freud registra que: 1º) O totem é um substituto do pai³; 2º) Os dois tabus fundamentais do totemismo, o incesto e a matança do totem, correspondem a um impulso natural do homem que, uma vez organizado socialmente, trata de reprimi-lo: matar o pai e ficar com a mãe (os dois crimes de Édipo); 3º) O macho mais velho da horda primeva que por seus ciúmes impedia a promiscuidade sexual, teria sido assassinado por todos os seus filhos reunidos, como consequência do ódio e da rivalidade pelas fêmeas do grupo. A religião totêmica aparece como expressão do remorso

(1) O grifo é nosso.

(2) Algumas das reconstruções feitas por autores psicanalíticos descrevem esta modalidade primitiva de enlace como a primeira relação com a mãe (28).

(3) As tribos totêmicas descrevem o totem como sendo seu ancestral comum e pai primevo; algumas dessas tribos, inclusive, não relacionam o ato sexual à concepção.

e tentativa de expiação, bem como recordação do triunfo sobre o pai: O que até então fora interdito pelo "pai ciumento" torna-se proibido pelos próprios filhos através da criação dos tabus de totemismo; 49) Os membros do clã não podem comer o animal totêmico (tabu do homicídio) exceto no cerimonial da refeição totêmica, quando todo o clã reunido celebra a matança de seu animal e devora sua carne crua, vestidos à semelhança do totem e imitando-o em seus sons e movimentos; "pelo ato de devorá-lo realizam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força". A refeição totêmica, assim como as tradições religiosas do sacrifício animal ou da comunhão cristã, representa a incorporação do pai; 59) A atitude ambivalente que caracteriza a relação com o totem se manifesta no ritual da refeição totêmica pela justaposição do pranto (luto pela morte do pai²), e do festival (júbilo pelo triunfo sobre o pai).

Claro está que a relevância dessa citação consiste em tomá-la em sua concordância com a pré-história individual. "O sistema totêmico é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo" (15 ,pg.153).

"Originariamente, na fase oral primitiva do indivíduo, não é possível diferenciar a carga de objeto da identificação" (20, pg.2710). A criança incorpora o pai ao mesmo tempo³ que estabelece uma relação libidínica com a mãe. A dialética expressa nessa proposição será melhor explicitada se lem

(1) O grifo é nosso.

(2) Luto esse que, como assinala Freud, tem um caráter de obrigatoriedade de sendo um de seus objetivos o de rejeitar a responsabilidade pela morte do pai.

(3) Freud não se preocupa em estabelecer uma antecipação cronológica da identificação primária. Em "Psicologia das massas..." escreve: "si multaneamente (ou um pouco mais tarde) a esta identificação com o pai..." (19 ,pg.2585); em "O ego e o id" encontramos: "ambas as relações caminham paralelamente durante algum tempo..." (20 ,pg2712).

bramos de uma passagem de 1917: "Mostramos em outro ponto¹ que a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma - (...) -pela qual o ego escolhe um objeto" (17,pg.172). Em 1923 publica: "Esta identificação (com o pai) não parece constituir o resultado ou desenlace de uma carga de objeto. Mas as escolhas de objeto (...) parecem ter como desenlace normal tal identificação e intensificar assim a identificação primária" (20,pg.2712). Como já assinalamos, os seguidores do mestre da psicanálise não são unânimes na reconstrução do conceito de identificação primária. O fato desta modalidade de identificação estar intimamente relacionada à fase oral primitiva e obedecer ao modelo da incorporação oral levou muitos autores a tomarem a passagem de 1917 acima citada como parte da explicação da identificação narcísica (desenlace de um investimento) desenvolvida em tal artigo e que será exposta a seguir. Esta confusão se deve em parte, no nosso entender, ao fato de, em "Totem e Tabu" Freud estar ainda muito no início da formulação da teoria do complexo de Édipo e não ter claro que o modelo da refeição totêmica diz respeito à primitiva fórmula de identificação pré-edipiana. A diferença entre identificação primária (pré-edipiana) com o pai e a identificação pós-edipiana está muito nítida em "O ego e o id": "A criança leva a cabo muito cedo uma carga de objeto que recai sobre a mãe e tem seu ponto de partida no seio. Do pai o menino se apodera por identificação. Ambas relações marcham paralelamente até que, pela intensificação dos desejos sexuais orientados para mãe e pela percepção de que o pai é um obstáculo à realização de tais desejos, surge o complexo de Édipo. A identificação com o pai toma um matiz hostil e se transforma² num desejo de suprimir o pai e substituí-lo junto à mãe". (...) "O naufrágio do complexo de Édipo (...) dá nascimento a uma identificação com o pai e a uma identificação com a

(1) Estã se referindo a "Totem e Tabu".

(2) O grifo é nosso.

mãe" — gênese do ideal de ego e do superego — (20 ,2712/13). Ao passo que é a identificação primária com o pai que possibilita um enlace afetivo a um objeto, é a relação afetiva com a mãe que intensifica essa identificação. Dessa mútua determinação resultará a relação de objeto edipiana, cujo abandono implica numa identificação edipiana. O que distingue a identificação primária das outras identificações, a saber, identificação narcísica, identificação pós-edípica e identificação histérica é que as últimas são posteriores ao investimento de libido.

Em "Luto e Melancolia" (17), artigo de 1917, anteriormente citado, a identificação é descrita como um retorno para o ego de uma carga de objeto. Onde houve uma catexia existirá uma identificação. Numa belíssima tentativa de explicação do sofrimento do melancólico, Freud toma o trabalho realizado no luto como parâmetro para sua análise. O que se passa no luto é que o ego sofre a perda de um objeto amado e retira, paulatinamente, a libido ligada a esse objeto. "Quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido" (17 ,pg.167) e a energia pode ser deslocada para outro objeto. O que ocorre na melancolia é que "devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada a relação objetal foi abandonada (...) a catexia objetal passou a ter pouca resistência e foi destroçada" e a libido livre não vai para outro objeto mas para o ego, estabelecendo uma identificação do ego com o objeto perdido. O modo de relação que existia entre o ego e o objeto é levado para o interior do ego, transformando-se na relação entre a atividade crítica do ego e o ego — alterado pela identificação.

Para resolver o aparente paradoxo existente nas prē-condições da melancolia, qual seja, por um lado, uma forte fixação no objeto e por outro a fragilidade da catexia objetal, Freud afirma: "a escolha objetal é efetuada numa base narcisista, de modo que a catexia objetal, ao se defrontar com

obstáculos, retrocede para o narcisismo" (17, pg. 172). Em "Introdução ao narcisismo", tomando a vida erótica como acesso ao estudo do narcisismo, Freud distingue dois tipos de escolha objetal. A escolha de objeto anaclítica buscaria proteção e apoio e está calcada nas vivências primitivas de satisfação de necessidade. A pessoa busca seu objeto de amor apoiado na imagem materna. A contrapartida desse tipo de escolha é a escolha de objeto narcisista; neste tipo de escolha a pessoa busca o objeto de amor conforme sua imagem. O objeto é para o sujeito aquilo que ele é, o que foi, o que gostaria de ser ou aquilo que foi parte de si mesmo (16). Voltaremos a esse ponto adiante.

Cabe aqui uma resenha do conceito de narcisismo tal como foi descrito por Freud no trabalho acima citado e em sua reconstrução lacaniana exposta em "O estágio do espelho como formador da função do eu" (23), antes de retornarmos ao estudo da melancolia. Freud nos revelou que existem diferentes momentos organizadores da libido, a saber, auto-erotismo, narcisismo e amor objetal. Na fase da libido auto-erótica as pulsões não se satisfazem unitariamente, não existe noção de conjunto. A libido nessa etapa é anárquica e sem objeto unificado. Na passagem para o narcisismo o indivíduo começa a tomar a si mesmo como objeto de amor, o que permite uma unificação das pulsões sexuais (16). Antes de ter a sensação cenestésica de unidade corporal a criança assume sua imagem no espelho adquirindo uma representação visual de "corpo próprio". A criança vive uma ilusão do duplo ela crê estar a mesmo tempo ali onde ela se sente e ali onde ela se vê. Essa ilusão ela vive na relação com a mãe. O amor pela mãe é, nessa modalidade de relação, o amor por sua imagem. Vivida como um prolongamento de si mesmo, a mãe proporciona à criança uma ilusão de completude, de "perfeição", de onipotência. O ego, formado em bases ilusórias é produto da internalização dessa relação, melhor dito, da identificação narcísica com a mãe. Este estado narcisista que tem que ser abandonado para o estabelecimento da relação de obje

to propriamente dito (o outro vivido como independente de si), é projetado diante de si como seu ideal (16). O "ideal de ego" - instância psíquica pós-edípica - "recebe o amor ególatra que na infância era destinado ao ego atual. Aquilo que é projetado como seu ideal é a substituição do narcisismo perdido da infância, quando seu ideal era ele mesmo" (16, pg. 2028). Vemos assim a postulação de um narcisismo secundário (ideal de ego) ao narcisismo primário ("ego ideal" da primeira infância).

De posse de uma tal conceituação do narcisismo podemos agora rever criticamente a formulação dos dois tipos de escolha anteriormente descritos. Em primeiro lugar, dizer que conforme a escolha de objeto anaclítica a pessoa busca no objeto de amor a imagem da mãe protetora não esclarece se se trata da mãe-complemento narcisista ou da mãe interiorizada quando da repressão do complexo de Édipo, constituinte, por assim dizer, do ideal de ego. Por outro lado, a definição de escolha narcisista tampouco esclarece em que narcisismo se baseia, se se trata do narcisismo primário ou secundário. O próprio Freud em "Enamoramento e hipnose" (19) lembra que o enamorado tende a idealizar seu objeto de amor e afirma que "o objeto ocupou o lugar do ideal de ego" (pg. 2590). A questão da escolha objetiva em Freud não foi bem conceituada e o que se considera, a partir do que já foi dito, é que os dois tipos de escolha de objeto são de acordo com narcisismo primário ou secundário, e conforme o tipo de escolha a pessoa toma o objeto de amor como "ego ideal" ou "ideal de ego" respectivamente.

Apesar de "Luto e Melancolia" já começar a delinear a instância de superego¹, este artigo é anterior à formulação da segunda tópica que aparece

(1) "Estamos nos familiarizando com o agente comumente denominado "consciência", vamos incluí-lo juntamente com a censura da consciência e do teste de realidade, entre as principais instituições do ego, ..." (17, pg.170).

em "O ego e o id" publicado em 1923. A ausência de uma conceituação clara das diferentes instâncias psíquicas determinou uma certa confusão metapsicológica com respeito ao processo da melancolia. Reexaminando este processo à luz do que ficou estabelecido no parágrafo anterior podemos afirmar que a escolha de objeto do melancólico é baseada no narcisismo primário, ou seja, o melancólico toma o objeto de amor como "ego ideal"; estabelece uma relação especular na qual o outro é vivido como o "duplo" de si mesmo. Quando, "por uma desconsideração real ou desapontamento", o objeto tem que ser abandonado, o investimento dirigido para o outro retorna para o próprio ego, a relação é interiorizada e a ambivalência, característica do narcisismo, anteriormente vivida em relação ao outro, passa a ser vivida em relação ao próprio ego — modificado pela identificação.

Deixemos de lado o exame da psicopatologia do melancólico que nos serviu até aqui como caminho para a compreensão do narcisismo.

Vimos como a identificação narcísica com a mãe, constituinte do "ego ideal", é resultado de um investimento libidinal. Resta ainda uma questão fundamental sobre o estabelecimento da relação narcísica: porque o filhote do homem, a diferença dos outros filhotes animais, assume a imagem especular? ¹ Acreditamos que a resposta para essa questão deve se encontrar na relação entre identificação primária e narcisismo. Sabemos que a criança ainda não tem o esquema corporal completo (Lacan emprega a expressão "corpo despedaçado" para descrever a sensação dessa etapa) quando se identifica com

(1) O chimpanzé com inteligência instrumental superior a do bebê nessa fase, não reconhece como tal sua imagem refletida no espelho. O bebê apresenta a mímica do "Ah!", na qual, para Kohler, se exprime o "insight", ao passo que o chimpanzé pode olhar atrás do espelho procurando o animal que vislumbra. (cf. 23)

com a imagem especular. Aliás, como bem assinala Lacan, esse fenômeno expressa bem o sentido de identificação, a saber: "a transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem"⁽²³⁾. O que aparece como fundamental é a discordância para com a realidade interna do bebê. Mas, por outro lado, alguma coisa de fora confirma esse reconhecimento. Essa criança é uma unidade, e isso quem diz é a família. Essa criança tem um lugar a ocupar, e esse lugar é dado pela organização da família, pela palavra social, pelo Outro, pela identificação primária. Vemos, portanto, como a ilusão — a confusão narcísica, "o imaginário" — revela como pano de fundo a inserção desse filhote numa ordem que lhe aponta o lugar de sujeito ("simbólico" lacaniano). Mas o que daí emerge, paradoxalmente, é um "ego constituído como um outro e que toma o outro como "alter" ego" (28,pg.237). Em "O sinistro" Freud faz uma citação lindíssima de O. Rank: "o "duplo" foi primeiramente uma medida de segurança contra a destruição do ego, um enérgico desmentido à onipotência da morte" (18,pg.2494). Não devemos tomar a expressão "destruição do ego" como um efeito destruidor sobre um ego na medida que não existe um ego nesse momento. O primeiro rudimento de ego é justamente o ego corporal alcançado na fase do espelho. Mas existe, por assim dizer, uma imperiosidade de ego, uma vez que o bebê está "marcado" — pela identificação primária — para ser sujeito. O sujeito, segundo Lacan, se constitui à custa de uma divisão ("spaltung"). "A relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de "hiância" (27,pg.196), que introduz o sujeito numa busca sem saída¹. A criança é simbolizada no Outro (lugar da linguagem) e um símbolo, por definição, é diferente daquilo que ele representa. O ego narcísico aparece como defesa diante dessa diferença. O narcisismo é a recusa da alteridade que já está irremediavelmente marcada pela identificação primária.

(1) Essa busca é o que não existe para o chimpanzé. Ele não "se encontra" na imagem refletida porque ele não "se procura"...

"Esses dois enlaces coexistem durante algum tempo, (...) vão aproximando-se até acabar por encontrar-se e desta confluência surge o complexo de Édipo" (19, pg.2585). Se, como vimos, a identificação primária está na base do narcisismo, é a sua intensificação que vai conduzir ao abandono do narcisismo primário. A relação especular com a mãe será, cada vez mais, mediatizada pelo símbolo — consequência da identificação primária — e o amor a ela dirigido se transforma num amor objetal. O primeiro investimento de libido objetal é o amor edípiano. O complexo de Édipo é, porém, um complexo duplo: positivo e negativo. Isto quer dizer que a criança manifesta não só uma atitude ambivalente com respeito ao pai e uma escolha terna de objeto com respeito à mãe, como apresenta ao mesmo tempo uma atitude carinhosa para com seu pai e a atitude correlativa hostil e ciumenta para com sua mãe (20, pg.2713). A carga de objeto dirigida ao pai e à mãe tendo que ser abandonada, em virtude do obstáculo à realização dos desejos incestuosos, é substituída por uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe. "Havendo reconhecido nos pais, especialmente no pai, o obstáculo oposto à realização dos desejos integrados em tal complexo, o ego teve que robustecer-se para levar a cabo sua repressão, criando em si mesmo tal obstáculo" (20, pg.2714). A gênese do superego é assim descrita como a interiorização da interdição.

A constituição do indivíduo em suas diferentes instâncias psíquicas é, como tentamos demonstrar, produto das diferentes modalidades de identificação, resíduo dos diferentes investimentos libidinais.

IV - PORQUE "PAPA" ?

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus".

(S. João 1:1)

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que um Filho recebe de seu Pai".

(S. João 1:14)

No desenvolvimento fonológico observa-se uma fase pré-linguística de vocalizações aleatórias seguida do balbucio, onde os sons emitidos são mais definidos. A fase do balbucio, que tem início a partir do 6º mês aproximadamente, tem duas funções importantes: uma lúdica e outra de exercício vocal, representando um avanço significativo no repertório fonético. Sabe-se, por outro lado, que nesta época os sons que o bebê emite não correspondem aos fonemas específicos da língua que escuta. Ao contrário, grande variedade desses sons não serão utilizados mais tarde e não pertencem a sua língua mãe.

Em outra etapa do desenvolvimento, em torno do 12º mês, às vezes antecedida de um período de mutismo, a criança vai reorganizar o repertório adquirido na fase anteriormente descrita diferenciando os sons que o adulto emite e tentando imitá-los. Os mesmos sons que eram usados não linguisticamente agora serão empregados com propósito semântico, dando início a uma fase propriamente linguística. Estes sons passarão a integrar um sistema de pronúncia e, utilizados contrastivamente, representarão UNIDADES desse sistema — os FONEMAS (9).

A aquisição do sistema fonológico foi estudada pelo linguista R. Jakobson¹ que formulou a "LEI DA SEQUÊNCIA UNIVERSAL". Segundo o autor, esse

(1) Jakobson (1941) "Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetz" citado por TAYLOR (38).

desenvolvimento obedece a uma sequência invariante nas diferentes línguas do mundo.

A criança aprende primeiro sō aqueles sons que são comuns às diferentes línguas do mundo, ao passo que aqueles fonemas que distinguem sua língua das outras sō aparecem mais tarde.

Os primeiros fonemas adquiridos têm os maiores contrastes articulatório e auditório. Como as línguas exigem mais sons, existem fonemas com distinções mais sutis, que são aqueles que tardam mais a serem empregados pelas crianças.

Descrita em termos de "cisões" sucessivas que dão origem a oposições binárias, a aquisição dos fonemas obedece à sequência abaixo relacionada.

No primeiro estágio a criança adquire /a/ e /p/ que são os dois fonemas com mais contraste mútuo:

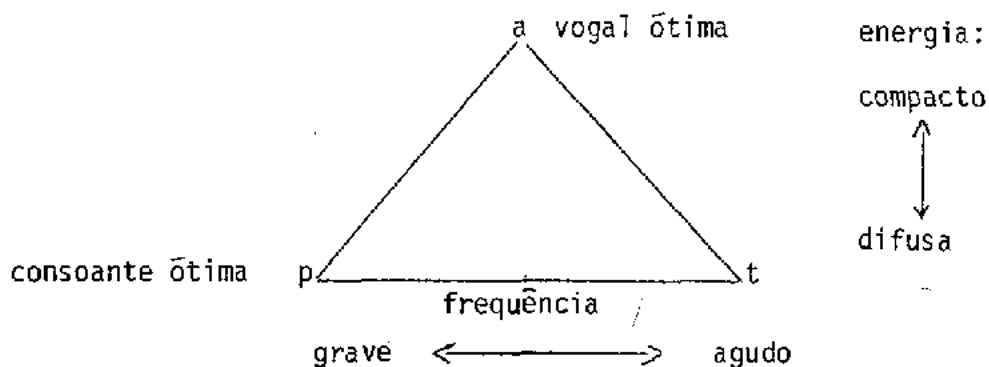
/a/	/p/
- vogal ótima (abertura máxima da boca)	- consoante ótima (fechamento máximo da boca)
- sonora	- surda
- maior energia acústica	- energia mínima
- sem limitação no tempo	- limitação extrema no tempo
- compacta (energia concentrada numa estreita faixa de frequência)	- difusa (sem concentração de energia nas faixas do espectograma)

Quando os sons adquirem um valor fonêmico precisam ser identificados pelo ouvinte, e a melhor maneira de discernir uma consoante é na passagem para a vogal que a segue. Nesse sentido a sequência "consoante mais vogal" parece ser a melhor. De fato, o que se observa é que "CV" é o único padrão silábico universal (22). A sílaba /pa/ é, dessa forma, a primeira

possível no repertório linguístico da criança. E, de fato, *ē* uma das primeiras a serem emitidas como veremos mais tarde.

No estágio seguinte a consoante /p/ se cinde em duas opostas labial e dental, /p/ : /t/. A labial /p/ *ē* grave e a dental /t/ *ē* aguda. O fonema /a/ se caracteriza pela alta concentração de energia numa estreita faixa de frequência do espectograma em oposição aos fonemas /p/ e /t/, difusos.

Esses 3 fonemas contrastantes formam o que Jakobson chama de "triângulo primordial".



Em outro estágio esse triângulo vai se cindir em mais dois triângulos — um para as consoantes e outro para as vogais — respeitando esses mesmos traços distintivos (compacto-difuso e grave-agudo).

Uma das primeiras oposições consonantais adquiridas pelas crianças *ē* a oral-nasal /p/:/m/, e ocorre em quase todas as línguas.

Nota-se que, desta forma, /ma/ também *ē* uma das sílabas para as quais a criança tem, muito cedo, aptidão fonológica. Lembrando que a reduplicação das sílabas¹ *ē* um processo compulsório nessa faixa etária, fica cla

(1) "Na transição do balbúcio para o comportamento verbal, a reduplicação (das sílabas) pode ser entendida como um processo compulsório, assinalando que os sons emitidos não representam um balbúcio, mas uma entidade com significado, semântica" (22, pg.542).

ro porque /mama/ e /papa/ estão entre as primeiras unidades significativas empregadas na linguagem infantil.

Ora, "mama" e "papa" são a forma infantil de nomeação de mãe e pai em muitas línguas diferentes, representando um fenômeno, senão universal, certamente transcultural. O antropólogo Murdock² colheu 531 nomes para mãe e 541 nomes para pai e comprovou que existe uma convergência significativa na estrutura dos termos parentais da forma empregada na linguagem infantil entre línguas historicamente não relacionadas.

Acabamos de relatar os princípios teóricos que Jakobson lança mão em seu artigo intitulado "Why "mama" and "papa"?" (22) para elucidar, no nível fonológico, esse fato. Mas, surge a pergunta, por quê a preferência da consoante oral /p/ para os termos parentais e da nasal para os termos maternos? O próprio Jakobson levanta, neste artigo, uma hipótese para explicar a origem da forma "m" para nomeação de mãe. O murmuro nasal que acompanha a sucção é a única fonação possível quando os lábios pressionam o seio ou a mamadeira e a boca está cheia. Segundo o autor, este som ficaria associado à alimentação e à "grande dispensatrice" - a mãe. Não dispomos de elementos para discutir a validade dessa idéia. O que nos parece importante ressaltar, no entanto, é que ao período da amamentação corresponde a fase não linguística do desenvolvimento fonológico (balbúcio), o que torna pouco satisfatória a explicação de Jakobson. Por outro lado, o que Leopold² afirma é que essa interjeição nasal não tem um significado intelectual e não representa uma alternativa semântica ao "papa"; que a transição entre a interjeição "m" como um pedido de satisfação de alguma necessidade a um termo designativo de mãe é

(1) Muddock, G.P. (1957) "World Ethnographic Sample", citado por Jakobson (22).

(2) Leopold, W.F. (1939) "Speech Development of A Bilingual Child", citado por Jakobson (22).

posterior à emissão do "papa" como uma atitude cognitiva.

Se Jakobson buscou uma relação de intrinsidade entre a característica acústica do termo e aquilo que ele designa, acreditamos que o mesmo não possa ser feito para o termo paternal. Pelo contrário, nosso ponto de vista é que qualquer tentativa de explicação tem que buscar a extrinsidade do fenômeno linguístico¹. Aliás, é justo nessa compreensão do emprego do "papa" que tentaremos demonstrar a relação entre aquisição da linguagem e constituição da subjetividade.

Porque o primeiro som com propósito semântico que a criança emite é justamente a designação de pai ?

A mãe de uma criança de 11 meses, contando as "novidades" da filha comenta: — "Já está falando "papã" e "auau²". Tudo é auau³. "Papã" ela logo aprendeu a falar. Não sei se é porque R. fica muito tempo fora de casa e eu então fico falando "Papã vai chegar"; "cadê papã?" ... Eu fico até chateada porque eu cuido muito mais dela e ela não me chama, quando o pai chega ela ri e diz "papã , papã"... É interessante valorizar a resposta que o discurso dessa mãe oferece para nossa questão: o pai está frequentemente ausente e para ser lembrado é falado pela mãe. Isso representa uma das maneiras de incluí-lo na relação mãe-filho.

(1) não apenas no sentido de arbitrariedade do signo, mas no de entender a linguagem como a marca do extrínscico na relação humana.

(2) /a/e/u/ representam o maior contraste vocálico e a primeira oposição binária no triângulo das vogais.

(3) Observe-se que "auau" é qualquer coisa, não podendo ser considerado como uma unidade semântica como "papa" que tem um referente de finido. Esse "auau" corresponde ao "dada" ou "tata" de outras crianças.

Se retomarmos o conceito freudiano, anteriormente descrito, de identificação primária, lembraremos que a primeira identificação é feita com o pai. Esta identificação inicial é condição para existência de um laço afetivo e de outras identificações. O nosso ponto de vista é que só entenderemos o verdadeiro significado da primeira emissão linguística a partir da dialética das primeiras identificações.

Que "pai" é esse com o qual o bebê se identifica? Não é com o pai "maternal" que cuida de satisfazer a criança. Mesmo porque a divisão dos cuidados com o filho, que se deve à entrada da mulher no mercado de trabalho, não é característica das relações familiares da Europa do início do século — época em que Freud escreveu sobre o assunto. É, pelo contrário, com a figura do "que não está", representando aquilo que é importante para a mãe — ou que esta julga importante para o filho — e que não está presente na relação imediata mãe/filho; com o pai do qual a criança não depende para sua sobrevivência biológica (função materna¹) e que não é mais do que uma instituição social. Efeito da cultura, o marido da mãe, ou o Totem, representa esta cultura. "O totem (...) corporifica a comunidade, que é o verdadeiro objeto de adoração"². A identificação primária é com o signo da cultura.

De fato, a identificação com esse elemento distante constitui a primeira oposição básica, a saber, biológico X cultural.

Ora, o que Jakobson nos ensina com sua teoria é que a aquisição fonológica diz respeito exatamente à aquisição de traços distintivos; a emergência de dois fonemas é consequência da percepção de um contraste. Essa é

(1) que muitas vezes é desempenhada pelo próprio pai atendendo ao "pedido" de /mam:am:am/ trazendo-lhe o que comer, por exemplo.

(2) DURKHEIM (1912) citado por Freud ().

a dialética da constituição da subjetividade. Vejamos então como Benveniste e Lacan lançam mão do mesmo modelo, valorizando o aparecimento de um par de opostos como o momento do aparecimento da linguagem e da subjetividade. Tentaremos demonstrar dessa forma, a impossibilidade de linguagem sem a caracterização de uma oposição e como, por outro lado, o elemento mediador que gera o contraste é a própria estrutura da linguagem; elemento esse que, como já assinalamos, é corporificado no pai.

Já foi citada neste trabalho a idéia de Benveniste de que só é possível a consciência de si mesmo se experimentada por contraste e que essa experiência é dada pela condição de reciprocidade que o diálogo implica (3). Os sujeitos se definem pela oposição mútua eu-tu. A subjetividade se funda nesta dialética.

De acordo com a concepção lacaniana a entrada na linguagem coincide com a experiência de descontinuidade. "É preciso fundar a linguagem (...) desde a constituição de um primeiro jogo de oposições que conotam a diferença (...) são as alternâncias de presença e ausência da mãe que criam esse primeiro jogo de oposições (...)" (4, pg. 168).

A brincadeira do carretel que Freud relata em "Para além do princípio do prazer" ilustra bem essa experiência. A criança observada por Freud lançava, repetidamente, um carretel de linha para fora do berço segurando o fio. Quando desaparecia o carretel a criança pronunciava "oooh" interpretável como "fort" que em alemão significa "longe, embora". Recolhendo novamente o fio trazia o carretel para o seu campo de visão e emitia um "da" ("chegou"). Como a mãe da criança trabalhava fora de casa e esta tinha que privar-se de sua companhia por horas, Freud interpreta essa brincadeira como uma elaboração da separação da mãe, permitindo assim que a criança suportasse melhor a vivência dos desaparecimentos e reaparecimentos de sua mãe.

"Desse par modulado de presença e ausência nasce o universo de sentido de uma língua ..." (24,141). O jogo alternativo "fort-da", repetição da saída da mãe, só visa em sua alternância ser o "fort" de um "da" e o "da" de um "fort". A presença de uma ausência. "O que ele visa é aquilo que não está lá enquanto representado" (27, pg.63)¹.

Abreviatura morta, a palavra não dá a presença de um objeto, mas sua ausência (8). A palavra é a nomeação de uma ausência².

Cabe aqui uma reflexão sobre uma observação de Lemos³ a respeito da construção dos primeiros esquemas comunicativos. Esta pesquisadora relata que os objetos de ação não são nomeados, os de contemplação o são. A mãe olha na direção do olhar da criança e partilhando da contemplação "interpreta" a atenção da criança e nomeia: "ah! a luz!"... É curioso o fato de que normalmente os objetos nomeados nessa situação são detalhes distantes que são "recortados" da paisagem: barquinho, lua, passarinho etc. O que este dado evidencia, nos parece, é como a um só momento a mãe nomeia (constitui) um objeto externo, alheio à relação imediata (presente) e dá um sentido ao olhar da criança. Para que isso aconteça é preciso que ela compartilhe da admiração da criança. Esse exemplo ilustra o papel da mãe, ainda complemento narcisista do filho, na sinalização de um terceiro elemento, ausente por natureza e cuja ausência se faz presente no verbo.

A mãe que investe sua libido narcísica na relação "dual" com seu filho, está, por sua vez, inscrita na Ordem Simbólica. "Grávida do Outro", é a mãe que aponta para o terceiro elemento que instaura a Lei transmitindo

(1) o grifo é nosso.

(2) Símbolo - "aquilo que, por sua forma ou sua natureza, evoca, representa ou substitui, num determinado contexto algo abstrato ou ausente".(Holanda, Aurélio Buarque, "Dicionário da língua portuguesa").

(3) Comunicação oral, op. cit.

assim, metaforicamente, a herança totêmica¹.

A alternância de presença e ausência da mãe constitui para a criança a possibilidade de significar a ausência. Quando os sinais percebidos na relação imediata com a presença real da mãe puderem ser retomados pela criança na sua ausência, então se tornarão significantes (4). A separação da díade narcísica e o desenvolvimento da libido objetal sã se realizam efetivamente na medida em que a mãe tenha seu interesse voltado para fora dessa relação. A função paterna sã se exerce por sua relação com o desejo da mãe. "O pai não estã presente senã pela sua lei que ẽ a palavra e nã ẽ se nã na medida em que sua palavra ẽ reconhecida pela mãe que ela toma o valor de Lei²". Em resumo, as repetidas "presença/ausência" da mãe instauram num efeito condensado a função paterna - na medida em que a ausência da mãe ẽ atribuída ã pessoa do pai - e a possibilidade de, na ausência, traços da presença se tornarem significantes.

A questão da identificação simbólica - identificação primãria com o pai - aparece inicialmente na obra de Freud justamente no seu livro sobre o sistema totêmico. Curiosamente, ẽ na análise de uma organizaçãõ matriarcal, na qual algumas tribos ignoram o papel desempenhado pelo indivíduo do sexo masculino na concepçãõ³, que aparece na teoria a importãncia do Pai simbólico⁴ para a organizaçãõ do homem em sociedade.

(1) "O totem ẽ transmitido pela linhagem feminina" (15, pg.125).

(2) Lacan citado por Lemaire (29, pg.128).

(3) Freud cita a tribo dos aruntas que desconhecem a relaçãõ entre a to sexual e fertilizaçãõ. "Acreditam existirem espalhados pela regiãõ lugares ("centros totêmicos") em que os espõritos dos mortos de um determinado totem aguardam a reencarnaçãõ e penetram no corpo de qualquer mulher que passe pelo local" (15,pg.134). O totem da criançã ẽ determinado de acordo com o lugar no qual a mãe acha que a criançã foi concebida.

(4) Freud se refere ao Totem como um "substituto do pai".

O totem, definido como ancestral comum ao clã, é uma referência à origem dos indivíduos.

Karl Abraham em seu capítulo de "contribuições à psicologia da dúvida e do pensamento obsessivo" sugere que o "desejo de saber", mais especificamente o interesse pela pesquisa histórica e arqueológica, é uma sublimação da "típica questão da criança sobre sua origem" (1, pg. 58) e que essa curiosidade, relacionada com a curiosidade sexual da criança, diz respeito à curiosidade sobre o corpo da mãe.

Podemos observar o interesse de crianças em idade pré-escolar, período correspondente ao conflito edipiano, pelas relações de parentesco e questões ligadas à "ancestralidade" (exercícios do gênero "vovô é pai do papai, papai é filho do vovô ...").

O que apesar de óbvio, nos parece importante ressaltar é que através da formulação da própria origem, que só pode ser feita através da linguagem, é que o indivíduo se referencia. É que o segredo da origem quem detém é a mãe, pois só ela sabe quem é o pai da criança.

Está claro, depois de tudo o que foi dito, porque o primeiro som com propósito designativo corresponde ao nome de pai, "título", vale dizer, de um jogo de oposições que a linguagem instala.

Resta ainda a observação de uma, ao menos curiosa, coincidência terminológica. Em algumas línguas "papa" é o termo empregado para designar o ato de comer e a substância que se come. Estaríamos ao falar assim reproduzindo a refeição totêmica?

Esta homônima pode muito bem representar uma metáfora da incorporação oral. Comendo o Pai, a criança realiza sua identificação com ele.

V - CONCLUSÕES

A proposta inicial deste trabalho foi a de estudar a dialética intersubjetiva no processo de aquisição da linguagem.

Grande parte da literatura psicolinguística negligencia esta problemática. Desconsiderando a condição de polaridade deste processo tais autores tomam como unidade de análise a emissão linguística fora do contexto da interlocução. A questão ganha uma outra perspectiva quando a análise se volta para o ato do discurso. O locutor é apenas um pólo de uma relação dialética.

É a condição dialógica da linguagem que dá a polaridade das pesoas, pois é ao se distinguir do outro que o indivíduo se referencia numa subjetividade.

O que ocorre no processo de aquisição da linguagem, pelo que pudemos depreender do exame dos autores, é que a interlocução é gradativamente interiorizada.

Quando alguém fala constitui-se como um "eu" na sua alocução preenchendo as "formas vazias" da linguagem ("isto", "aqui", "agora" etc.) das quais ele se apropria referindo-as à sua pessoa e, mesmo que não haja um "tu" lá, presente, para ouvi-lo, seu discurso contém a representação de um interlocutor. O "eu" só existe por oposição ao "tu".

As primeiras interlocuções se dão, paradoxalmente, numa relação narcisista que oblitera a distinção entre eu e não-eu.

Tentamos esclarecer este paradoxo através da teoria da identificação primária com o pai, logicamente necessária para o estabelecimento da relação narcisista. A criança teria uma percepção preliminar de alteridade, em consequência desta identificação que consiste, em última instância, na anteri

oridade da linguagem em relação ao homem. "No início era o Verbo ..."

O discurso dos pais, como atualização da propriedade fundamental da linguagem, a saber, a polaridade das pessoas, define um "lugar" para a criança ocupar. A distinção de sua individualidade é feita, portanto, no discurso alheio, inicialmente.

O sujeito que o Outro (campo da linguagem) descreve não existe aí senão como uma representação. A relação narcisista aparece como um escamoteamento dessa diferença cruel entre a realidade vivencial da criança e a sua definição no discurso. A criança se refugia, assim, no desejo da mãe, constituindo-se como aí se "vê". Identificada narcisicamente com a mãe, a criança se apropria do "eu" do seu enunciado. O discurso da criança é nesta modalidade, literalmente, o discurso da mãe. E a polarização deste discurso se dirige para um terceiro elemento ausente, intensificando assim a sua inclusão na relação, o que determinará, num terceiro tempo, a quebra da relação dual.

A partir do estabelecimento da relação triangular, a criança se referencia numa subjetividade distinta, aceitando a reversibilidade das pessoas do verbo. A criança será um "eu" em oposição a mãe que será um "tu" na sua alocação e a um terceiro elemento que poderá ser um "ele"; num outro turno, a criança será um "tu" na alocação do pai que será um "eu" e constituirá a mãe como um "ela" etc.

A interlocução é, na realidade, uma relação triangular e não didática como costuma ser descrita, na qual sempre existirá um terceiro elemento ausente que referencia os sujeitos.

A interiorização da relação triangular — gênese do superego — é o que constitui a representação da interlocução, característica da "fala interior" que Vygotsky descreve e intuí que, mesmo sendo um "falar consigo mes-

mo", é, basicamente, uma fala social.

Quanto às crianças "egocêntricas" de Piaget, poderíamos concluir com Sã-Carneiro: elas não falam nem para si nem para o outro, mas sua fala constitui o pilar da ponte que vai para o Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ABRAHAM, Karl. Development de la libido. in: —. Oeuvres complètes. Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1966. vol.2.
- (2) BATES, Elizabeth et alli. From gesture to the first word: on cognitive and social prerequisites. in: M.Lewis e L.Roseblum. Interaction, conversation and the development of language. Nova York, Wiley & Sons, 1977.
- (3) BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. São Paulo, Ed. U.S.P., 1976.
- (4) BERTHERAT, Yves: Freud com Lacan ou a ciência com o psicanalista. in: Lugar. Rio de Janeiro, Círculo Freudiano do Rio de Janeiro, nº 8.
- (5) CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo, ed. Perspectiva, 1972.
- (6) CHOMSKY, Noam. Cartesian linguistics. New York, Harper & Row, 1966.
- (7) ———. A linguagem e a mente. in: Novas perspectivas linguísticas. Petrópolis, Vozes, 1970.
- (8) COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos, in: ———. (org) Estruturalismo; antologia de textos teóricos. São Paulo, livraria Martins Fontes.
- (9) CRYSTAL, D. Child language; learning and linguistics. Cambridge University Press, 1978.
- (10) DONNET, J.L. e PINEL, J.P. Le problème de l'identification chez Freud. in: L'inconscient, revue de psychanalyse. Paris, P.V.F., jul-set. 1968m nº 7.
- (11) DUBOIS, Jean et alli. Dicionário de linguística. São Paulo. Editora Cultrix, 1978.
- (12) FREUD, Sigmund (1900). La interpretación de los sueños. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

- (13) ———. (1905). Análisis fragmentário de uma histeria; caso Dora. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo I.
- (14) ———. (1910). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II.
- (15) ———. (1913). Totem e tabu. Rio de Janeiro, Imago editora, 1974.
- (16) ———. (1914). Introducción al narcisismo. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II.
- (17) ———. (1915). Luto e melancolia. in: Metapsicología. Rio de Janeiro, Imago editora, 1974.
- (18) ———. (1919). Lo siniestro. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo III.
- (19) ———. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo III.
- (20) ———. (1923). El "yo" y el "ello". in: Obras completas de Sigmund Freud. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973, Tomo III.
- (21) GEBARA, Ester M.S. O papel da intonação na aquisição do aspecto: uma perspectiva interacional. (mimeo.) Campinas, 1980.
- (22) JAKOBSON, R. Why "mama" and "papa"? in: ———. Select writings. Paris, Mouton, 1971, Vol. 1.
- (23) LACAN, Jacques. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. in: ———. Écrits I. Paris, ed. du Seuil, 1966.
- (24) ———. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. in: ———. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.
- (25) ———. A significação do falo. in: ———. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.
- (26) ———. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964. in: ———. Escritos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

- (27) ———. O seminário - livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- (28) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. Lisboa, Moraes editores, 1977.
- (29) LEMAIRE, Anika. Jacques Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
- (30) LEWIS, M. e FREEDLE, R. Prelinguistics Conversations. in: M.Lewis e L. Roseblum (org.). Interaction, conversation and the development of language. Nova York, Wiley & Sons, 1977.
- (31) LYONS, John. As idéias de Chomsky. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.
- (32) MCNEILL, David. The acquisition of language. N.Y., Harper & Row, 1970.
- (33) OLÉRON, Pierre. Linguagem e desenvolvimento mental. Lisboa, Socicultur, 1978.
- (34) PETERFALVI, Jean-Michel. Introdução à psicolinguística. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.
- (35) PIAGET, Jean. Le langage et la pensée chez l'enfant. Paris, Delachaux et Niestlé, 1970.
- (36) ———. Seis estudos de psicologia. Rio, Editora Forense, 1972.
- (37) SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.
- (38) TAYLOR, Insup. Introduction to psycholinguistics. N.Y., Holt, Rinehart and Winston, 1976.
- (39) VYGOTSKY, Lev S. Thought and language. Massachusetts, M.I.T. Press, 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca de Examinadores os seguintes professores:

Circe Navarro Rivas

Circe Navarro Rivas (orientador)
PUC/RJ - Deptº Psicologia

Terezinha Feres Carneiro

Terezinha Feres Carneiro
PUC/RJ - Deptº Psicologia

Angela Coutinho

Angela Coutinho
AUSU/RJ - Deptº Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1982

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.